

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

ESTUDO DA COMUNIDADE DE VILA PILOTO (*).

MARIA SUZANA ELIEZER DE BARROS
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Taubaté.

INTRODUÇÃO.

INTERESSE SOCIOLÓGICO DA VILA PILOTO.

Vila Piloto constitui um núcleo de população que representa para o Brasil de hoje o que representaram no passado fenômenos como os currais ou Cuiabá. Isto é, nasceu do fato de num determinado momento o local se transformar num mercado de serviços que oferece oportunidades de trabalho em condições vantajosas. Não surgiu do natural desenvolvimento da região, “brotou” ao apelo de um incentivo específico.

Apresenta a peculiaridade de ser, segundo afirma em sua tese *Planejamento em Urubupugá*, o Dr. Mange, a primeira tentativa de construir um núcleo planejado onde operários, técnicos e demais funcionários que iriam trabalhar na construção da Usina de Jupuíá, pudessem viver decentemente abrigados. Surgiu em substituição aos acampamentos desordenados e rudimentares que tem acompanhado os grandes empreendimentos modernos no Brasil, quando realizados em zonas desertas que não contam com mão-de-obra local.

Na presente situação de país em desenvolvimento, o Brasil terá que repetir e multiplicar esse processo de fazer “brotar” do sertão despovoado e inexplorado novas formas de produção de riqueza e valorização do potencial não utilizado e que precisa por em imedia-

(*) . — Comunicação apresentada na 5ª sessão de estudos, Equipe B 1, no dia 6 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

to aproveitamento. E inúmeros núcleos irão “brotar” para tornar isso provável. Neste verdadeiro arranque da inércia, temos em Vila Piloto, um aspecto típico do Brasil moderno bem definido em suas características e que representa talvez um setor de métodos a serem difundidos no futuro e sem dúvida nenhuma o incentivo de uma esperança.

É que nesse esforço de gigantescas proporções — magestoso mesmo no plano internacional — realizado em moldes dos mais avançados em matéria científica e técnica — colaboram de maneira íntima e indissolúvel o que J. Lambert chamou de *Dois Brasís*, isto é, o Brasil atualizado, progressista e civilizado e aquele que representa a permanência de fórmulas e estilos de vida do passado, numa defasagem de dezenas e até centenas de anos. O melhor de nossa técnica utilizando força de trabalho da mais rudimentar qualificação profissional na construção do futuro. O Brasil do mais alto padrão cultural usando o trabalho não qualificado num esquema que prevê para ele numa nova dimensão social e humana.

Vila Piloto representa a tomada de consciência de que faz parte do custo da produção a parcela do capital (ínfima se considerado o preço total do empreendimento) destinada a dar condições de vida ao trabalhador numa comunidade que propicie um mínimo de conforto, saúde e educação, de modo que ele não seja apenas uma força de trabalho, mas um cidadão empenhado na obra comum.

Vila Piloto obedeceu desde o seu planejamento a uma nítida e consciente idéia de “experiência civilizadora”, pretendendo, além de resolver os aspectos práticos de moradia e abastecimento, criar condições de integrar seus habitantes em padrões mais altos de cultura pela simples vivência de soluções mais avançadas.

No entanto, sua construção e sua vida decorreram da necessidade de atender às exigências de trabalho do “canteiro de serviços” junto à Usina de Jupia, em função do que nasceu a própria Vila Piloto. E a Usina de Jupia vem sendo executada dentro de um ritmo rigorosamente enquadrado em cronogramas rígidos de etapas que precisam ser atingidas em prazos pré-estabelecidos. Do cumprimento desses planos depende a própria continuidade da obra, uma vez que com isso se relaciona a obtenção de recursos financeiros, empréstimos no exterior, etc.

Essa é uma contingência que foge às nossas tradições de trabalho, geralmente despreocupado com formas racionais de produção. Daí a imposição de normas que são mais rigorosas e inflexíveis do

que o padrão usualmente seguido em outras formas de produção no país.

Mas a vida de uma comunidade não se restringe, por mais planejada que tenha sido, aos seus aspectos racionais e seus padrões de comportamento explícitos e aceitos como normas de relações que se desejam atingir. Além desses aspectos, há toda uma outra realidade que com eles se misturam e deles se diferenciam, com eles entram em conflito e que corresponde a formas espontâneas e inconscientes da interação social, fruto da experiência de vida anterior, vinculada ao contexto cultural onde se formaram esses indivíduos que “artificialmente” passaram a ser cidadãos da Vila Piloto e que na realidade são representantes da diversidade de níveis de desenvolvimento econômico e cultural que marcam o Brasil.

As interferências e a interação entre o “racional” e o espontâneo que se fundem numa mesma e única realidade são objetos dignos de observação e análise. O seu conhecimento, ou pelo menos a melhor compreensão de como se processa essa relação, oferece interesse não só teórico — no plano do conhecimento propriamente dito, relacionado à análise em um caso concreto do alcance e dos limites do planejamento econômico e social, mas também com implicações de ordem prática, pois, admitimos que a realidade possa indicar que muitas vezes o “racional” só é possível por se inscrever numa comunidade em que o espontâneo encontrou condições de sobreviver, apesar de seu caráter de comunidade “fabricada”.

Por exemplo, a maior estabilidade da mão-de-obra de operários casados em relação aos solteiros, que veio a resultar na inversão da proporção prevista, não se deveria ao fato de encontrarem dentro de suas famílias planos de vida em que se identificam com seu passado, ainda quando desejam para ela um futuro com perspectivas culturais sugeridas pelo “racional” que agora conhecem?

Os fatos espontâneos que ocorreram na realidade da Vila Piloto se impuseram a seus planejadores, obrigando a modificações dos esquemas originais feitos em função dos objetivos pretendidos:

1. — construir a Usina dentro dos padrões de técnica e tempo previstos;
2. — dar condições de nível de vida satisfatória dentro das contingências nacionais;
3. — aproveitar a oportunidade para tentar uma “experiência civilizadora”.

Para conseguir esses fins foram forçados os responsáveis por sua execução a uma série de modificações que os fatos, isto é, a experiência como uma forma real e efetiva de “viver” a construção da usina e de coabitar em Vila Piloto veio a sugerir ou tornar imperiosa.

A consideração desses fatos emprestou à Vila Piloto o caráter de uma excelente oportunidade de estudos sociológicos e nos dispuzemos a realizar uma pesquisa dessa natureza.

Por várias razões, alheias a nossa vontade a pesquisa não chegou a ser efetuada, mas para seu planejamento, realizamos estudos preliminares, tivemos estágios na Vila e procedemos ao levantamento dos campos em que a análise seria conduzida de uma maneira sistematizada e tão profunda quanto possível.

O presente trabalho é um relato sucinto e assistemático do resultado desses estudos e o apresentamos com a esperança de que de alguma forma possa ser útil.

* *
*

Analisando Vila Piloto quanto à sua estrutura e características mais marcantes, poderemos destacar desde logo alguns fatos:

1. — Sua organização corresponde a uma concepção autoritária em que grupos e indivíduos tem seu *status* atribuído a partir de sua qualificação profissional. Nenhum outro dos múltiplos critérios que se combinam para determinar a posição social do indivíduo numa comunidade é levado em consideração.

2. — A ecologia da Vila corresponde a mesma idéia: agrupar os indivíduos por níveis de categoria profissional e distribuí-los segundo critérios racionais de melhor atendimento aos problemas de comunidade, tais como, condições de vizinhança, abastecimento, transporte, etc. . . , o que leva a um reforço da definição do *status*, que em última análise se estabelece por nível salarial e se objetiva na localização habitacional.

3. — Na preocupação de desobrigar os indivíduos de quaisquer outras responsabilidades e deixa-los inteiramente livres para o seu trabalho na “obra”, a administração da Vila assume também aspectos autoritários, quer pela extensão das funções que desempenha, quer pela imposição das soluções que oferece.

4. — A população se ressentia com graus diversos de consciência, dessa tutela, reagindo com desapego e falta de zelo quanto aos benefícios recebidos, depredando moradias, árvores, etc..., e fazendo comentários jocosos ou malévolos alusivos ao paternalismo da administração.

5. — O caráter autoritário da organização da Vila Piloto não decorreu só das necessidades operacionais de manter a Vila e construir a Usina, mas é previsto e aceito desde o seu planejamento. Levando em consideração que a Empresa seria proprietária do solo, das habitações, controlaria toda a fonte de trabalho e atribuição de salários, a Administração, os serviços públicos, a educação, a assistência social etc..., o Dr. Mange se refere mesmo a um “pequeno estado socialista”.

Assim, seu caráter autoritário faz parte de seu planejamento, quer por ter sido considerado o mais eficiente, quer por adesão às suas formas de solução, ou ainda por desconhecimento de técnicas e soluções de natureza mais democrática e que melhor atenderiam a dinâmica das relações sociais de indivíduos e grupos em uma comunidade. Representa involuntariamente talvez, a adesão a um dos mitos sociais e políticos mais generalizados de nossa época, o mito da eficiência progressista do “Estado-Providencial”.

6. — Quer como o resultado da concepção de sua estrutura, quer pelas condições locais reinantes no momento de sua instalação, ou ainda como consequência da personalidade do primeiro engenheiro residente, que deu as normas de relação e criou os padrões vigentes de comportamento — explicação mais geralmente oferecida pelos funcionários e habitantes antigos da Vila Piloto — ou mais provavelmente pela ação conjunta das três ordens de fatores, criou-se em Vila Piloto uma tensão que o consenso coletivo acabou por denominar “clima de terror”.

O “clima de terror” decorre do absolutismo das decisões tomadas pela Empresa e do caráter ambivalente do indivíduo que não é cidadão da Vila a não ser na condição de elemento de trabalho — em todos os níveis e natureza de tarefa —, e que tem sua avaliação profissional perturbada pela atuação enquanto membro da comunidade. Sua vida profissional não é independente dos problemas comunitários e sua estabilidade no emprego está relacionada com o grau de ajustamento que ele e sua família se revelem capazes de desenvolver em relação aos padrões e normas da Vila Piloto. Daí resulta um forte sentimento de instabilidade e insegurança, gerador de ani-

mosidade, expressa em termos mais ou menos conscientes, mas de qualquer forma elemento catalítico da tensão geral que se observa em vários planos de relação.

7.— Essa tensão poderia ser um dos padrões determinantes da mobilidade da mão-de-obra que parece ter sido maior do que a normalmente esperada. Tomando por base experiências anteriores da construção de usinas do Rio Parapanema (*Uselpa*) e Rio Pardo (*Cherp*) o planejamento para Urubupungá supunha uma expectativa de 80% de solteiros e 20% de casados entre sua população. Mas as experiências anteriores foram verificadas no sistema de acampamentos, sem o núcleo urbano e todo o complexo conjunto de circunstâncias que o acompanha.

Na Vila Piloto a realidade mostrou que só os casados encontram condições de maior permanência, sendo quase que invertida a porcentagem prevista. Isto parece sugerir que os solteiros não tiveram condições ou incentivos para continuar sob o “regime de terror”, o que os casados fizeram quer por terem em suas famílias a possibilidade de viverem áreas de comportamento espontâneo, quer por valorizarem as vantagens suplementares que Vila Piloto oferece à sua família nos planos de saúde, educação, etc. Grande número de pessoas inqueridas discretamente sobre o assunto declararam que “suportavam” a Vila por que precisariam ganhar fora dela salários irreais para proporcionar às suas famílias o padrão que lá usufruem. Já com os solteiros ocorreu fenômeno inverso, representando os alojamentos coletivos, sujeitos a regulamentos, um fator a mais de coerção. A “lei seca”, por exemplo, foi uma referência obrigatória de todos os que comentaram as condições da Vila.

Por outro lado, muitas demissões ocorreram pelo fato da Empresa dispensar indivíduos que infringiam as normas da Vila, aumentando desta forma a mobilidade do elemento humano que deveria construir a Usina. A mobilidade acima da normalmente esperada se verificou em todos os níveis profissionais, com frequência mais acentuada nos extremos das escalas e uma ligeira tendência a maior estabilidade nos níveis médios. Na “Camargo Correa”, no entanto, a mobilidade se apresenta ligeiramente diferente, não havendo ocorrido com tanta frequência nos altos escalões.

8. — O regime de trabalho, com turno de dez horas trabalho noturno, ausência dos tradicionais dias santos e facultativos, e a constante preocupação do cronograma e do rendimento da produção, seria outro componente da tensão reinante na Vila.

A frequência ao ambulatório foge aos padrões comuns onde mulheres e crianças constituem o maior volume de consultas, o mesmo não acontecendo na Vila. Parece que mesmo descontando a “porcentagem normal de malandragem”, válvula razoável de desculpa para tomar fôlego de vez em quando, ainda se poderia considerar muita alta a procura pelo ambulatório pelo elemento masculino. As queixas mais frequentes são sintomáticas do estado de tensão: mal estar de estômago, angústia, dores de cabeça, insônia, etc. Também as mulheres apresentam com muita frequência estado de angústia e tensão, as mais extrovertidas se queixando das condições de vizinhança e do trabalho excessivo perturbando a vida doméstica: marido sempre ausente e quando em casa muito nervoso ou cansado.

Reclama-se geralmente da falta de respeito ao repouso dos que trabalham a noite. Vários casos de estafa exigiram hospitalização, motorista dormindo na estrada levou a acidentes etc. Para quem chega pela primeira vez à Vila o impacto com o ritmo de trabalho causa espécie. A necessidade de cumprir as etapas de serviço dentro dos prazos, a preocupação pelo cronograma, levou às dez horas de trabalho — com quatro horas intercaladas em que a produção para e as turmas de reparo e lubrificação revisam as máquinas para o próximo turno de dez horas. As obras extraordinárias são pagas com o acréscimo legal, mas como não aumentam “as cargas sociais”, desde que são os mesmos operários que as executam, saem mais baratas do que aumentar o número de operários e diminuir o período-hora para cada homem. Pensa-se que, como os nossos operários não trabalham a todo vapor, não vale para eles o fato de que existe um período limite de rentabilidade do trabalho, além de igual cai a produtividade, aumentam os acidentes, etc. É um aspecto a ser verificado, pois *a priori* não se pode saber se o fato do trabalho não ser executado com pleno esforço do operário é razão suficiente para conservar a produtividade. O tédio e o desfastio, bem como a irresponsabilidade que levam a diminuir a intensidade do esforço, podem funcionar como fator ativo, da mesma forma que a fadiga, no menor rendimento de produtividade, na quebra de atenção, no aumento de acidentes etc. . . E se de fato prejudicarem a produtividade, as dez horas de serviço com os mesmos homens sairão mais caras do que um período menor de trabalho, com acréscimo de encargos sociais, mas um significativo aumento de produtividade.

9. — A vizinhança é geralmente apontada como uma das principais fontes de conflito e perturbação da ordem. Em todos os níveis ouve-se reclamação quanto a total ausência de privatismo.

As casas de madeira, grupadas em número de duas, três ou quatro, sem a menor possibilidade de isolamento, tornam a vida de família muito devassada e não há como impedir que os vizinhos tomem conhecimento de tudo o que se passa em cada lar. As habituais brigas de crianças, os comentários mal humorados, as reclamações recíprocas, e'c. são componentes de conflitos que envolvem várias famílias, além de arrastar outras na qualidade de testemunhas. O envolvimento da polícia que é chamada a intervir, algumas vezes pelos próprios interessados, não resolve a situação básica — que é em última análise a vida promíscua — e muitas vezes leva a Administração, que desta maneira toma conhecimento do caso, a dispensar os responsáveis pela ocorrência.

Mesmo nas zonas de residências mais categorizadas existe a tendência a preservar a intimidade, bloqueando relações mais expôñâneas de vizinhança. Talvez não haja, nessas zonas, uma proximidade maior por que a existe em bairros residenciais médios de nossas cidades, mas esse fator de vizinhança se soma à contingência de trabalho comum, indetidade de problemas, competição profissional, de modo que fica muito alta a carga de participação recíproca na vida alheia, do que as famílias procuram na medida do possível se preservar.

10. — A inspetoria de segurança que desempenhou as funções de policiamento local, assumiu proporções mais amplas do que as que normalmente lhe seriam atribuídas, sendo chamada (ou levada) a participar de problemas de famílias, interferir em mexericos, recebendo denúncias de comportamento irregular, fiscalizando o uso de ônibus, dando buscas nos alojamentos de solteiros no cumprimento da “lei seca”, zelando pelo comportamento dos namorados, interferindo nas brigas e desen'endimentos vicinais etc. Recentemente a criação da Divisão de Desenvolvimento e Organização da Comunidade, visando orientar e criar condições de maior ajustamento, veio substituir a ação policial em várias áreas, além de mudar o sentido da interferência, pretendendo estimular os indivíduos para encontrar a solução dos próprios problemas ao invés de oferecer soluções paternalistas ou interferências abusivas.

11. — As “caixas de sugestões”, iniciativa que se destinava a dar oportunidade de participação nas soluções de problemas através da coleta de sugestões em caixas que foram colocadas em diversos lugares da Vila, se revelaram completamente ineficientes e rapidamente tiveram seu sentido deturpado. As sugestões apresentadas foram quase que sistematicamente rejeitadas pela Administração, que por

diversas razões as considerou inoperantes ou inconvenientes. A partir de um determinado momento, a consciência de que sua ação era inócua levou a um desvirtuamento de função e passaram a agir como canais de reclamações, coletoras de calúnia e veículo de maledicência, frequentemente sob o anonimato.

12. — Sob o ponto de vista religioso, Vila Piloto conta com uma igreja católica e um templo em que oito denominações evangélicas se revezam na direção dos trabalhos religiosos e tem cada uma delas o seu dia de culto.

A princípio, quando não havia prédios especiais para o culto religioso, os católicos também usavam o mesmo local que os protestantes, e quando se construiu a igreja se pretendia que viesse a servir a todos os cultos, o que não se verificou por interferência do bispo. A Administração da Vila construiu então um templo para os protestantes.

A experiência ecumênica que os “crentes” vivem em Vila Piloto não foi realizada sem dificuldades, e só se tornou efetiva quando pastores passaram a dirigir o culto, pois, no nível dos “encarregados” não houve condições para o seu funcionamento. Quanto aos pastores que passaram a se ocupar do culto em Vila Piloto, alguns deles já haviam participado de Conselhos Evangélicos de Pastores e Representantes de Igrejas, que congregam igrejas evangélicas regionais. No Rio de Janeiro existe a Conferência Evangélica do Brasil, de modo que havia um clima anterior de esforços destinados a um desenvolvimento espiritual que não desse ênfase às diferenças, mas desenvolvesse o espírito fraternal entre todos os crentes dos Evangelhos, o que tornou possível a convivência e cooperação entre eles na Vila Piloto.

Embora a frequência seja livre a todos diariamente, via de regra cada um só frequenta no dia do seu culto, com exceção dos grupos metodistas e prebisteriano, que julgam suas práticas tão próximas a ponto de frequentarem ambas as reuniões. A orientação que seguem, de um modo geral, é dar assistência aos que já são crentes, não realizando trabalhos públicos de evangelização, o que consideram uma grande limitação de suas atividades. Atendendo, porém, a determinação da Vila de evitar qualquer perturbação da ordem ou conflito de opinião, só dão testemunho de fé ou desenvolvem proselitismo particularmente, em situações informais e de âmbito pessoal.

Quanto aos católicos os fatos que conseguimos levantar foram os seguintes: os indivíduos situados em níveis mais altos, via de regra

não participam da vida religiosa. Ajudam quando solicitados, tiveram educação religiosa mas não fazem parte do grupo religioso ativo. Cerca de duas mil pessoas frequentam regularmente a igreja, havendo mensalmente uma distribuição de mais ou menos três mil comunhões, principalmente entre mulheres, com pequena frequência de homens e crianças. Só um terço entre os solteiros participam da vida religiosa. Em ocasiões de festas, como Semana Santa ou Natal, toda população participa das cerimônias religiosas. Não há nenhuma receptividade para sermões, novenas e conferências. No entanto reagem bem e aderem ao “terço”, rezado publicamente, andando pelas ruas e parando pelas esquinas para “contemplar” os mistérios. Nessas ocasiões se estabelecem frequentemente diálogos com perguntas a respeito do significado disto ou daquilo, pedidos de esclarecimento e comentários sobre a vida dos santos. Conferências com exibição de filmes sacros são bem concorridas e a partir do filme se estabelece o diálogo. Livros e revistas religiosas são bem vendidos. Cursos para pais e padrinhos antecedendo o batismo contam com frequência quase que exclusivamente masculina.

A religiosidade popular é cheia de superstições e de misturas de práticas de cultos diversos. Foi encontrada uma imagem de Jesus a que se atribue caráter milagroso. Está na igreja de Jupιά e a ela se rende culto e pedem-se graças, tendo aumentado muito o “fervor religioso”. Muitos dos que se dizem católicos e frequentam a igreja participam também de “terreiros” nas vizinhanças onde se pratica curandeirismo. A Administração da Vila negou permissão para que se instalasse dentro dos seus limites terreiros de espiritismo, o que não impede que os interessados frequentem pela vizinhança os vários terreiros existentes.

O trato dos fieis com o padre é cordial e espontâneo; mulheres e crianças quando vão fazer compras entram na sacristia para tomar água e descansar; com muita naturalidade conversam trivialidades. Também o procuram para discutir problemas pessoais, ciúmes dos maridos, queixas de bebedeira, aconselhamento quanto a limitação de filhos, etc. O sacerdote é pessoa extremamente humana e compreensiva que se compadece dos problemas e considera que não se pode esperar “que gente cansada vá rezar”, nem exigir uma moralidade rígida quando as condições de educação e cultura são tão deficientes. Não podendo julgar cada caso, é indulgente com todos e supõe que o melhor seja absolver tudo e todos para “não ser mais severo do que Deus gostaria”.

13. — A construção da Usina exigiu uma diversificação de tarefas muito grande, reunindo consequentemente indivíduos muito

diferenciados profissionalmente, mesmo dentro de cada escalão. Como por outro lado houve possibilidade de acesso para os que se mostraram mais aptos, ou tiveram oportunidade de frequentar algum dos vários tipos de aperfeiçoamento que a Empresa organizou, criou-se uma competição entre eles, acentuando o sentimento de desigualdade quanto as condições dos que lá trabalham como funcionários da CESP, da “Camargo”, ou de outra empreiteira menor, ou ainda entre os que trabalham em setores diversos de operação. De um modo geral é grande o interesse que cada um demonstra pela comparação de sua situação em relação aos outros indivíduos de sua própria categoria e em relação a outras categorias do mesmo nível.

Há um ressentimento em relação ao tratamento diferencial que julgam gozar os engenheiros no que diz respeito à moradia, mobiliário, etc. De fato parece ter sido tradição na Vila a prioridade dos engenheiros obterem casas de alvenaria, muitas vezes mobiliadas, enquanto outros elementos de nível universitário eram alojados de maneira mais precária e ficavam à espera de melhor acomodação. Quando não havia casa disponível, recorreu-se por vezes à solução de alugar residências nas cidades próximas que correspondessem a um nível satisfatório de moradia. Os médicos só mais tarde foram admitidos como moradores da Vila; professores universitários, assistente social, etc. tiveram casas de tipo inferior até irem se acomodando gradativamente, permanecendo alguns ainda em moradias de tipo inferior.

Esse fato decorreu de duas ordens de fatores: primeiro, desde o início a presença e a utilidade dos engenheiros e demais técnicos de alto nível era prevista, dado a necessidade do seu trabalho para a construção da represa e instalação da Usina. Assim tiveram desde logo seu lugar e conforto levados em consideração no planejamento da Vila. Já quanto aos médicos, professores e outros universitários que foram chamados a colaborar na Vila, o crescimento de seu número e a importância de sua contribuição surgiu em consequência de se haver alterado a previsão da relação entre solteiros e casados, tendo toda a estrutura da Vila se ressentido dessa transformação. Assim, sua presença e necessidade em maior número e com maiores atribuições do que o previsto no planejamento inicial se deveu a necessidade de atender um núcleo urbano que passou a abrigar maior número de famílias, isto é, de mulheres e crianças não engajadas no processo de produção, e se enquadrou no mesmo processo geral de “mal necessário”, a que se foi dando soluções de emergência, de modo nenhum integrado no esquema e cronograma da obra.

14. — A ausência de espaço para as crianças (casas pequenas, falta de quintal), a falta de intimidade na vida familiar, a versão corrente de que as casas foram feitas como se fossem “lugar para comer e dormir”, levou a opinião geral a admitir que as casas não são agradáveis de se viver — embora algumas delas sejam boas enquanto casas — e se cunhou a expressão “arquitetura expulsiva” que é empregada a propósito de tudo e que corresponde a idéia de que todos preferem sair a permanecer dentro dos prédios. O calor muitas vezes intenso deve tornar o ambiente opressivo e contribuir para a má vontade em relação aos prédios e moradias.

O fato da atribuição das casas serem feitas a partir do *status* profissional e por iniciativa da Empresa, põe em evidência a desigualdade dos padrões. Comenta-se que há uma inversão de critério pois que se dá casa grande a famílias pequenas e casas pequenas a famílias com muitos filhos. Quando o indivíduo se localiza espontaneamente em uma comunidade procura o padrão de moradia que tem possibilidade de pagar e a desigualdade é de natureza a que já está habituado, enquanto que na Vila, de uma certa forma o desnível é debitado à Empresa, que é responsabilizada inconscientemente pelo fato.

Percebe-se em algumas passagens da tese do Doutor Mange que o objetivo do planejamento da Vila Piloto era proporcionar condições de vida comunitária, muito mais do que proporcionar condições do homem permanecer confortavelmente instalado em suas próprias casas. Obedeceu, conscientemente ou não, a um propósito socializante que não se ajusta ao nosso tipo de tradição e cultura.

15. — A praça central da Vila Piloto não funciona da mesma maneira que as praças de nossas pequenas comunidades do interior: não há o *footing* que é sem dúvida o traço mais generalizado e significativo das praças de nossas pequenas cidades interioranas. Há uma grande afluência masculina mas não se nota o desfile das moças e as mulheres que se encontram, em pequeno número, estão acompanhadas de namorados, maridos ou crianças.

16. — Existem na Vila dois clubes “A” e “B”, cuja frequência está sujeita a mesma hierarquia profissional, o clube “A” privativo do pessoal de nível categorizado. No início o clube “A” com melhores instalações, piscinas, etc., era de frequência bastante mais restrita, passando depois a ser franqueado até por escalão de escriturário. Quanto ao clube “B”, na verdade corresponde a um grande bar, com várias mesas para bilhares, *snooker*, pingue-pong, televisão

e quadras para esporte. É muito frequentado por homens não havendo ambiente para frequência feminina. O clube “A” tem frequência de mulheres e crianças que durante o dia procuram a piscina e um movimento bastante restrito à noite.

Comenta-se que houve um re'raimento de frequência do pessoal de nível mais categorizado por ocasião do alargamento do seu quadro social. Na verdade, esse fato coincidiu com a abertura de clubes em cidades vizinhas onde a pessoal mais categorizados passou a fazer vida social. A explicação mais geralmente oferecida é que se deseja “mudar de assunto” e “ver outras caras”.

À noite o programa obrigatório para os rapazes é irem à praça, se não dispõe de condução própria, ou ir a uma das cidades próximas para o cinema ou qualquer outro programa se são motorizados.

17. — Recentemente sentiu-se a necessidade de se criar a visão de Desenvolvimento e Organização de Comunidade que viesse a promover através de sua atuação uma maior integração e pudesse colaborar em alguns problemas que já começavam a ser delineados. Por exemplo, o número já bastante elevado de adolescentes, que tenderia a aumentar nos próximos anos, sem que para eles houvesse um esquema de ocupação ou aproveitamento. O mercado de trabalho da Vila praticamente se limita ao Canteiro da Obra, serviços públicos e administrativos, uns poucos estabelecimentos comerciais, serviços hospitalares, empregos domésticos, sem possibilidade de oferecer oportunidade de trabalho aos adolescentes que tão pouco teriam sem tempo plenamente ocupado mesmo quando pudessem ser inteiramente absorvidos pela rede educacional que se procurou desenvolver para abriga-los. Além disso, normalmente em outras comunidades rurais ou urbanas encontram eles desde muito cedo a possibilidade de trabalhar e participar da economia doméstica enquanto que na Vila Piloto, permanecem ociosos.

Alguns poucos episódios ocorridos, sem maior importância em si mesmo, são sintomáticos da situação que a Vila poderia vir a ter de enfrentar se não encontrar uma solução para os seus adolescentes: casos esporádicos de roubos, de depredação de vidraças, fuga em pequenos grupos, numerosos grupos de meninos que ficam pelas ruas na condição de engraxates, vendedores de guloseimas, e que na verdade permanecem mais ou menos inativos jogando bolinhas e se entretendo com outros jogos. De modo que, embora com a responsabilidade de dar assistência aos numerosos casos de problema sociais e vicinais e colaborando em tudo quanto se apresenta como necessá-

rio, foi praticamente visando os menores e adolescentes que a Divisão de Desenvolvimento e Organização de Comunidade planejou suas atividades. Pensou-se em preparar o menor através de cursos específicos, organização de grupos, etc. para o exercício de atividades compatíveis com o seu desenvolvimento. Além do preparo específico para o exercício das diversas atividades procurar-se-ia dar senso de responsabilidade e dignidade profissional, noções de higiene pessoal e profissional, espírito de grupo, etc. Também se projetou uma série de programas esportivos visando o objetivo de ocupar e educar o adolescente.

Uma das primeiras iniciativas tomadas nesse sentido antes do atual programa da Divisão, foi a organização da guarda-mirim que colabora no serviço de trânsito com elevado nível de comportamento e responsabilidade. Dos cursos planejados já foi ministrado o que se destinava ao preparo de domésticas. Atualmente a Divisão "DOC" instalou no prédio que inicialmente foi construído para obrigar o hospital as seguintes atividades:

Artesanato para grupo feminino (argila e bambú)	15 meninas
Curso de Corte e Costura	40 alunas
Oficina do Grupo de "Eletrotécnica Popular" para consertos eletro-domésticos .	05 meninos
Oficina do Grupo "Sapataria Mundial"	02 meninos
Oficina de "Bicicletaria Universal"	02 meninos
Almoxarifado para o grupo de "Horta e Jardins"	15 meninos
Grupo de Artesanato de Couro para meninos	12 meninos
Grupo de Artesanato de Couro para meninas	
Grupo de Engraxates	80 meninos
Grupo de Estudantes de Castilho	96 estudantes
Grupo de Senhoras que confeccionam artigos caseiros	23 senhoras
Grupo de Cicerones	07 membros

Grupo de Entregadores	16 membros
Grupo de Vendedores	56 membros
Grupo de Lavagem de Carro	03 membros
Instalação para funcionamento do Banco de Menores	04 membros

18. — Também no setor educacional o aumento de número de crianças, que decorreu da presença de maior número de famílias, levou a modificação do esquema inicial que havia sido o da existência de dois grupos escolares e um parque infantil. Para enfrentar a situação de realidade que não coincidiu com o quadro previsto, recorreu-se a profissionais de nível universitário especialistas em planejamento de educação e portadores de uma filosofia educacional diferente da que presidira até então, calçada nos moldes tradicionais. Fazendo-se o levantamento da população infantil, constatou-se que muitas crianças na faixa etária de mais de 6 anos não estavam escolarizadas. Suprimiu-se o parque infantil, com o que foi possível o funcionamento de um terceiro grupo escolar atendendo agora a todas as crianças com idade acima de seis anos, algumas delas com catorze e até quinze anos.

Criou-se o “CAT” — Centro de Aprendizagem e Treinamento, para dar ensino técnico aos que já haviam concluído o primário e proporcionar aperfeiçoamento a operários escolhidos entre os diversos setores. O critério de indicação por parte dos encarregados foi adotado, não só por corresponder a uma forma de seleção dos mais aptos, mas também pela absoluta impossibilidade de se atender a demanda espontânea.

O Curso de Alfabetização de Adultos que funcionava em moldes de curso primário noturno, foi completamente reformulado e se instalaram cursos de madureza para o primeiro e segundo ciclos colegial. O curso de madureza para o primeiro ciclo, correspondente ao ginásio, teve boa aceitação, mas o relativo ao segundo ciclo colegial não tem apresentado resultados compensadores dado o grande número de desistência de alunos inscritos. Trata-se naturalmente de um curso árduo para quem trabalha e provavelmente conta com a dificuldade suplementar de não ter tido um curso ginasial de bom nível.

A “Camargo Corrêa” recentemente instituiu cursos de formação especializada para operários, com formação técnica de ferrei-

ros, armadores, perfuradores, carpinteiros para forma, encarregados de concretagem etc.

É surpreendente a receptividade que de uma maneira geral os adultos demonstram para cursos noturnos de aperfeiçoamento. A enorme procura traduz um grande estímulo por parte do grupo e um desejo individual de melhorar sua condição para obter oportunidades de acesso a situações melhores.

O ginásio que iniciou suas atividades em 1967 e já abriga 450 alunos, foi concebido dentro das mais avançadas experiências educacionais do nosso meio, em um esquema que prevê liberdade e responsabilidade para o aluno, visando a formação de homens que se pretende sejam livres e responsáveis. Para execução de todos esses esquemas de reformulação educacional arregimentou-se em São Paulo pessoal de alto nível de qualificação dentro de diversos campos, alterando-se o grupo de educadores quanto a sua homogeneidade e sua estrutura. Os grupos primários e o curso de alfabetização de adultos eram ministrados por professores escolhidos na vizinhança, formados dentro de padrões tradicionais de ensino, disciplina e métodos pedagógicos. A presença de orientadores que vieram reformular tanto a técnica quanto a filosofia educacional, por um lado, e a presença de um grupo numeroso de professores secundários de formação universitária, que vinham com o rótulo de “os melhores”, veio despertar insegurança e resistência no grupo anterior, que passou a sentir sua situação instável e seu prestígio abalado, bem como diminuída a sua autoridade.

O ginásio todo ele estruturado e orientado num padrão homogêneo e concepção atualizadas de educação, se implantou num clima de grande receptividade por parte dos alunos, que se comportam de maneira espontânea, perfeitamente “em casa” na escola e com bom nível disciplinar. Já no curso primário, onde a disciplina e estruturação geral era do tipo autoritário tradicional, as crianças apresentaram bastante turbulência e não poderiam ser qualificadas como de bom nível disciplinar. Quanto ao CAT teve sua organização calcada nos moldes tradicionais do SENAI e funciona num regime em que os alunos vivem “na escola” e “na oficina” sem a espontaneidade dos ginásianos, mas disciplinados e de um modo geral bem ajustados. Seu professorado, em sua maioria é constituído de técnicos que receberam cursos rápidos de formação pedagógica, que conhecem bem a técnica que estão a transmitir, mas não tem formação de educador.

19. — No planejamento inicial da Vila Piloto deveria contar com um hospital situado fora do núcleo urbano, a uma distância de 300

metros. Houve necessidade de se instalar um ambulatório para atendimento imediato e prestação dos socorros médicos necessários enquanto o hospital não ficasse pronto e, como sua instalação demorasse, o ambulatório foi se ampliando cada vez mais, desordenada e atropeladamente, para atender a uma procura cada vez maior. Disto resultou que a partir de um determinado momento verificou-se ser melhor abandonar o hospital, em fase bastante adiantada de construção, e dar equipamento definitivo ao ambulatório, que nesse interim se transformara no verdadeiro hospital da Vila, necessitando, no entanto, de ser reestruturado, dado a improvisação que presidiu seu crescimento.

A classe médica, de início não moradora na Vila, sofreu várias crises internas e em suas relações com a Empresa. Argumentavam os médicos que o salário que recebiam era irreal, não correspondendo a renda que poderiam razoavelmente esperar trabalhando por conta própria em outra localidade; que ficavam marginalizados quanto à possibilidade de outras oportunidades profissionais; que seu trabalho na Vila não criava condições de acesso profissional, como para os engenheiros que estão se beneficiando de uma experiência que corresponde a um título profissional.

Inicialmente os médicos foram procurados entre os da própria região que se dispusessem a dar plantões de duas horas três vezes por semana. O primeiro núcleo de organização do serviço médico de Vila Piloto foi o centro maternal infantil, para assistir a gestante e atender ao bebê. Não existia um programa sanitário: vacinas só eram conseguidas através do Centro de Saúde de Castilho, de forma alguma aparelhado para fornecê-las em quantidade suficiente. Não havia assistência escolar no sentido de correção de defeitos visuais, auditivos ou de deficiências mentais. A população está, ao que parece, 88% infectada de verminose, mas não houve programa de solução ou campanha orientadora nesse sentido. Não funciona nenhum mecanismo de higiene do trabalho, prevenção de acidentes, controle de fadiga etc. O problema de doenças venéreas é sério, com vários focos de disseminação localizados em vilas fora do perímetro urbano e fora da possibilidade de controle, Vila do Corta Pescoço, Frinéia, etc. Em geral o doente só procura assistência médica quando a infecção já evoluiu muito, recorrendo antes a farmacêuticos e curandeiros da vizinhança. Têm havido casos de morte por malária, existe a moléstia sob forma aguda grave, "brava", mas os doentes via de regra só são encaminhados ao hospital muito tarde, as vezes já em estado de coma. Não há serviço de abreugrafia, embora tenha havido casos de tuberculose ativa encontrada entre operários. É

baixa a incidência de abortos provocados, pelo menos que se possa identificar com certeza. Existem “curiosas” trabalhando como parteiras mas agem sob controle e orientação dos médicos, com material fornecido pelo hospital. De um modo geral o problema da planificação da família é ignorado, persistindo a noção de que filho é saúde. No entanto, começa a se tornar frequente o interesse por soluções cirúrgicas para evitar filhos, uma vez que todo mundo conhece “causas” em que outros métodos de controle de natalidade se mostraram ineficientes. No entanto, o aconselhamento sobre métodos preventivos e o pedido das soluções cirúrgicas provem sempre dos baixos escalões, pois nos níveis mais altos, as interessadas dispõem de meios mais amplos de informação ou preferem se aconselhar com profissionais fora da Vila Piloto. Não havia pessoal especializado para os serviços auxiliares de enfermagem e educação sanitária; o pessoal do hospital foi recrutado entre os que se mostraram mais adequados na própria Vila. Assim não havia arquivo organizado, registro de casos, farmácia classificada, almoxarifado adequado, etc. até que uma equipe sob assessoria de médico professor de administração hospitalar realizou o trabalho de organizar esses diferentes setores.

Inicialmente faltou espírito de equipe entre os médicos, fazendo cada um sua clientela pessoal. Chegou mesmo a haver suspeita de que eventualmente ocorresse maior número de cirurgia do que as necessárias, o que atribuiu à falta de ética e ambição financeira. Dificilmente se poderia apurar alguma coisa nesse sentido dado a falta de organização geral e a ausência de estudos sobre o que teria sido a ocorrência normal nesses casos. De qualquer forma, o clima de suspeita e a falta de espírito de equipe levou à necessidade de reformular o quadro médico, permanecendo uns poucos, vindo outros requisitados entre especialistas de vários setores e com um outro espírito de organização hospitalar. Hoje já há condições de segurança e confiança no hospital, que durante algum tempo foi considerado “um matadouro”. No entanto, apesar de muito melhor equipado do que os que a região poderia proporcionar continuam a existir problemas decorrentes da falta de esclarecimento e orientação quanto aos aspectos positivos e explicações que diminuíssem a má vontade quanto as dificuldades de atendimento que ainda existem. Outro problema foi a falta de condições para atender o pessoal diferenciado. A presença de elemento categorizado nas filas de espera acarreta perda de tempo de quem tem tarefas importantes a atender; dar privilégios de tratamento despertaria revolta. Houve casos em que a presença de chefes em enfermarias perturbou os outros doentes, que perderam a liberdade e sacrificaram seu conforto para “não incomo-

dar". Conta-se que um peão teria passado a noite a tossir no corredor para não perturbar um engenheiro companheiro de enfermaria, o que certamente não corresponderia ao desejo do médico nem do chefe doente e muito menos corresponderia às necessidades do seu estado de saúde. É evidente que o caso aponta outro problema além do relativo ao doente diferenciado, que é o problema de conforto dos doentes em geral, que são igualmente incomodados quando um deles está em condições de perturbar o repouso necessário a todos. Atualmente, existe um consultório e dois apartamentos acrescentados ao hospital para atender aos doentes diferenciados. Com a nova organização hospitalar, além da equipe médica que trabalha praticamente em regime de médico residente com plantões, trabalho noturno, discussão de casos, relatórios, estudos de problemas, etc., o hospital conta com cinco enfermeiras diplomadas e duas auxiliares de enfermagem. As atendentes, em maior número, não têm preparo específico e são treinadas lá mesmo, no que não se diferenciam das condições geralmente encontradas em nossos hospitais.

Está em fase de organização, já inteiramente estruturado, o Serviço de Saúde Pública propriamente dito, uma vez que o hospital e o ambulatório são centros de cura e tratamento e não de medicina preventiva, cada vez mais importante num programa de saúde pública. O grupo de trabalho compreende médico sanitário, enfermeira, inspetor de saúde pública, fiscal sanitário, além de um veterinário para controle dos animais abatidos para alimentação. O problema da vacinação encontrou solução com um entrosamento direto, não oficial, mas que na prática tem se mostrado efetivo, com a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, que tem fornecido as vacinas necessárias. Já se realizaram campanhas relativas a varíola, sarampo, tétano e paralisia infantil.

Quanto ao planejamento de família, o que até agora vem sendo feito é simplesmente um trabalho de orientação quanto ao uso de preventivos que são fornecidos quando solicitados. No entanto existe um grupo de trabalho constituído por médicos, educadoras sanitárias e assistente social encarregado de estudar a questão e apresentar sugestão de projeto para consideração de sua eventual oportunidade e viabilidade.

20. — Não existe preconceitos de cor determinando as relações sociais na Vila; as pessoas de cor, numerosas, se colocam no *status* de sua qualificação profissional, mesmo no que diz respeito a acomodações, frequência de clubes, hotel, etc.

21. — Existe uma maior identificação do pessoal da “Camargo Corrêa” com a Empregadora do que a observada em relação a CESP. Até o nível de chefe de turma, o pessoal é mais ou menos estável, fazendo parte da equipe da “Camargo Corrêa” que os desloca de obra em obra, conforme as necessidades. Existe espírito de lealdade e confiança, considerando-se a firma boa empregadora.

Já quanto a CESP não se observa a mesma identificação, correndo piadinhas no sentido de “morrer pela pátria sim; pela CESP nunca”. Quanto aos peões o *turn-over* não permite uma maior identificação em nenhum dos casos.

22. — Comparando a experiência de Jupuí com a da construção de outras usinas, os engenheiros responsáveis da “Camargo Corrêa” consideram que as condições de trabalho na obra de Jupuí foram muito mais satisfatórias do que nas outras usinas. Atribuem o comportamento “mais civilizado”, o menor número de incidentes, etc. à presença das famílias na Vila e à organização autoritária que se deu a disciplina da obra e da Vila. Consideram o regime paternalista o único possível nas circunstâncias, e julgam que já representa um enorme progresso em relação aos acampamentos de há alguns anos, onde a disciplina era mantida no sistema do muque, do cassetete e do revolver. Relacionam o comportamento mais civilizado a uma maior eficiência no trabalho.

23. — Não existe, de um modo geral, a consciência de que todos estão empenhados numa obra comum e do sentido dessa obra. Os indivíduos foram para lá levados por razões diversas, espírito de aventura, pioneirismo, oportunidade profissional, interesse técnico, etc., sem participação no verdadeiro significado nacional da construção da Usina. A tarefa imediata, o problema técnico, o desafio da dificuldade, a ineficiência, o “concretão”, são a sua preocupação e a sua emta. Em todos os níveis nota-se desinteresse, quando não insensibilidade, quanto aos benefícios sociais que advirão da construção da Usina. O aspecto gigantesco da obra, as dificuldades superadas, a projeção internacional, o prestígio profissional, são a realidade sensível. Cada um está interessado na realização de sua tarefa, sem maior integração na obra, como um todo, e muito menos preocupados com o sentido econômico e social que para a nação ela possa representar.

24. — A estruturação dos grupos que em Vila Pilo'o constituem o que poderíamos chamar de “o poder”, isto é, que têm autoridade para fazer opções e tomar decisões, é complexa, e pode ser dividida em três planos. Em primeiro lugar existe o grupo administrativo da CESP,

o qual, dado o caráter para-estatal da Empresa, está intimamente vinculado à conjuntura político-administrativa do Estado de São Paulo. Embora essa vinculação não seja direta, decorre das relações de confiança que necessariamente presidem a composição e a permanência do alto comando da CESP, e também do fato de repercutirem na Empresa as condições gerais de caráter político-administrativo no que diz respeito a possibilidade de créditos ou a um maior ou menor prestígio atribuído aos planos de realizações do Governo do Estado.

Em segundo lugar, há o grupo técnico encarregado da construção da usina, constituído pelos engenheiros e técnicos categorizados. O engenheiro residente, acumula as funções de chefe “da obra” e “da Vila” e detem em Vila Piloto a autoridade máxima.

Um terceiro grupo, constituído pelo “prefeito” e encarregados dos diversos setores, procura organizar a vida da coletividade e trata de um modo geral daquilo que poderíamos chamar de problemas humanos.

Aparentemente, por se tratar de esferas diversas de ação, a atuação desses grupos não deveria criar entraves uns aos outros, mas na prática muitas vezes isso ocorreu apesar da intenção de cooperar em um trabalho conjunto para a realização de um fim comum. Por exemplo, todos os problemas relacionados com a Revolução de 1964, tiveram repercussão no trabalho da usina, quer pelo ambiente perturbado por greves que a antecederam, quer pela demora que houve em normalizar a situação política em geral, levando a um compasso de espera no que diz respeito aos estudos e solução dos problemas que a então CELUSA enfrentava. Instabilidade na direção, falta de condições para dar solução a situações que chegaram a levar a CELUSA a um total desprestígio junto aos fornecedores de material, uma vez que muitos deles foram levados a concordatas e até a falência por falta do pagamento dos compromissos assumidos.

A fusão da CELUSA com empresas congêneres para a formação da CESP, também perturbou a autonomia da decisão, pois, esperando-se que a CESP assumisse o comando não havia mais condições de agir e tomar decisões. Houve períodos em que a falta de verba levou a diminuição de cerca de 40% dos operários, perdendo a obra seu ritmo acelerado de execução, só se realizando as tarefas que não podiam sofrer solução de continuidade.

Por outro lado, a CESP, coordenando o plano geral da construção de usinas no Estado de São Paulo, tem uma perspectiva de con-

junto e toma decisões que poderão ser as mais racionais em função desse plano, mas que necessariamente não correspondem ao interesse específico de Jupiá. Medidas tomadas visando a padronização deste ou daquele setor podem não ser as mais indicadas para o caso particular de uma determinada usina. Inscrevendo-se Jupiá numa burocracia mais ampla, certamente haverá muitas decisões em que as soluções serão prejudicadas por este fato, quer quanto a demora das decisões, quer quanto a perfeita adequação das medidas sugeridas.

Também em relação aos grupos locais — a “residência” e os que cuidam dos aspectos propriamente humanos — frequentemente existe concorrência entre eles, uma vez que uns prioritariamente estão interessados “na obra” e os outros “na Vila”.

Com o aumento do número de famílias e uma população maior do que a esperada, a Vila assumiu aspectos de que decorreram novos problemas, a exigir imediata solução, e foi-se tornando grande o número de pessoas de nível universitário para tratar “da Vila”, interessadas no homem e nos problemas sociais e humanos. Este grupo, pela diversidade das tarefas que deveria executar e pela natureza de suas funções, é um grupo que se diferencia quanto às condições de trabalho, avaliação do resultado de seus esforços e proposição de metas dentro de uma perspectiva de valorização do homem. Trata-se, como já assinalamos, de um concorrência em termos de prioridade e de maior ênfase dada a um ou a outro aspecto do programa, desde que sempre fez parte integrante do planejamento de Urubupungá a experiência civilizadora. Com a necessidade de ao mesmo tempo que se ia estudando e organizando a solução dos problemas atuais ir-se projetando e preparando a construção de Ilha Solteira, o número dos “humanistas” e a importância de sua atuação passou a assumir proporções cada vez maior, e no exercício de suas atribuições passaram a alargar o âmbito de sua influência e a esfera de sua ação. Estabeleceu-se, assim, uma divergência latente quanto à filosofia básica que preside a atuação dos dois grupos, um preso a concepção paternalista autoritária que presidira a organização da Vila Piloto, o outro procurando um clima em que os indivíduos tivessem uma maior parcela de responsabilidade e maior liberdade de ação. Evidentemente a divergência de orientação filosófica não se traduzia em conflitos abertos de autoridade, mas era um componente ponderável no clima das relações que mantinham e na avaliação recíproca do acerto das decisões. Em consequência, também no grupo humanista se registrou uma mobilidade que num certo sentido é mais grave do que as outras, uma vez que entre nós é escasso o mercado de pessoas habilitadas para o exercício dessas funções, e

que, por outro lado, é mais lento o processo de entrosamento de novos elementos que precisam aprender a “sentir” a comunidade, já que não existem fórmulas ou esquemas matemáticos pré-fabricados para as relações humanas e sociais e que cada comunidade tem suas peculiaridades só perceptíveis pela convivência e participação. Tratando-se de Vila Piloto esses problemas são ainda mais delicados dado o caráter peculiar da Vila, comunidade artificialmente criada e cuja existência se liga à transitoriedade da construção da usina.

Quanto a “Camargo Corrêa”, sua qualidade de grande empregadora, e portanto de empregadora de quase toda a força de trabalho de Vila Piloto, lhe assegura uma posição de prestígio que lhe garante condições de opinar, participar das decisões e em última análise ser uma das grandes detentoras de “poder” na Vila.

25. — O problema da transitoriedade da Vila, além das repercussões de natureza psico-sociais, envolve um problema relativo a própria Vila como tal. Vila Piloto foi concebida e construída na expectativa de vir a ser uma instalação desmontável para posterior aproveitamento. Na prática verificou-se ser isto impossível e esta hipótese é unanimemente rejeitada. Já quanto ao destino da atual Vila, as opiniões se dividem tanto entre os técnicos como entre todos os que conhecem o dilema: destruir a Vila ou conserva-la para aproveitamento na qualidade de bairro residencial operário do município vizinho de Três Lagoas. Alguns engenheiros acham que constituiria verdadeiro crime a permanência do núcleo urbano sem a assistência de serviços públicos que hoje ele tem, mas que estariam fora de cogitação uma vez abandonado pela CESP. Sem a conservação atual a Vila se deterioraria rapidamente, correndo o risco de se converter em uma favela gigantesca para marginais, desde que no local deixaria de existir oportunidade de trabalho. Julgam que a solução aconselhável é dinamita-la. Outros setores de opinião acham, visto ter o município se mostrado interessado, que a CESP deveria efetuar a doação da Vila quando não mais dela necessitasse.

De qualquer forma, o problema do destino da mão-de-obra ociosa quando a usina não mais exigir o seu trabalho, e o de criar-se condições de permanência para o elemento humano em regiões ainda não suficientemente povoadas e desenvolvidas, foi agora colocado de maneira irreversível e deverá fazer parte daqui por diante de futuros planejamentos congêneres.

26. — Vila Piloto foi planejada para ser uma comunidade em substituição aos acampamentos desordenados que anteriormente abri-

gavam aqueles que em zonas desabitadas construíram usinas, estradas, etc. Uma comunidade, no entanto é, alguma coisa a mais do que um núcleo urbano com condições satisfatórias de ser habitado. É antes de tudo, e basicamente, uma unidade espiritual, e o sentimento de pertencer de maneira íntima aquele grupo, com o qual se mantém vínculo de lealdade e identificação emocional.

Essa solidariedade é fruto de uma vida em comum por tempo suficientemente largo para que se crie a consciência coletiva e se tecam todas as múltiplas relações que acabam de estruturar grupos e indivíduos. Evidentemente em Vila Piloto isso não aconteceu, quer pela sua curta existência, quer pela perspectiva de sua transitoriedade, quer ainda pela grande mobilidade de sua população.

O que poderia ter dado um lastro emocional comum seria o sentimento e a consciência de participação num trabalho de grande alcance social e nacional, mas já vimos que esse sentimento e essa consciência são muito tênues e não fazem parte dos estímulos ativos para recrutamento e permanência do pessoal.

Outro fator que poderia eventualmente desenvolver um espírito comunitário seria a participação na discussão de soluções para os problemas da comunidade, mas esse fato também não ocorreu, uma vez que os problemas ficaram todos a cargo da Empresa que os estudou e os equacionou dentro de padrões paternalistas. Fatores que ajudariam a formação de uma comunidade, tais como todo o complexo ligado à educação ou às atividades da Divisão de Desenvolvimento e Organização da Comunidade, estão em desenvolvimento, mas o tempo de experiência da Vila Piloto está se esgotando e provavelmente seus frutos só se evidenciarão em Ilha Solteira.

Na verdade Vila Piloto se apresenta como um acampamento extraordinariamente bem cuidado, planejado e organizado com a intenção de dar condições de vida social e não apenas de abrigar os homens encarregados da construção da usina de Urubupungá. Sofreu defeitos de previsão e erros de avaliação em vários setores, quer por esquecimento de problemas importantes (toda a parte de medicina sanitária, por exemplo), quer pelas dificuldades próprias à previsão de comportamento de homens livres. As previsões sociais e econômicas são por sua própria natureza delicadas e precárias e é preciso quando se parte de um *plano teórico* ir ajustando esse plano às contingências da realidade tal como ela se apresenta.

De qualquer forma o esforço desenvolvido no sentido de ir dotando a Vila de condições cada vez mais amplas de atendimento

crecente de suas necessidades foi enorme e os resultados alcançados são realmente notáveis, em que pese todos os percalços da improvisação e da emergência. No setor da educação por exemplo, o que se realizou serviria de modelo de como enfrentar o problema em qualquer parte do país.

27. — O planejamento de Vila Piloto sofreu um defeito de base, que foi o de ter sido confiado a uma equipe constituída só de arquitetos. Por mais lúcidos e competentes que sejam os profissionais escolhidos não se pode na atualidade ignorar que os trabalhos dessa natureza devem ser equacionados por uma equipe diversificada quanto a sua formação e perspectivas profissionais. Sanitaristas, economistas, sociólogos, médicos, educadores, etc. deveriam ter integrado o grupo que a planejou.

Seu funcionamento poderia ter sido menos tenso se tivesse havido maior participação dos habitantes nas decisões relativas a vida da comunidade. Muitas das regras consideradas severas seriam melhor acolhidas se tivessem sido deliberadas não pela administração, mas por representantes de setores, ou qualquer outra forma de dar participação na responsabilidade de criar padrões de comportamento válidos para a Vila. Outras medidas teriam se apresentado como dispensáveis ou seriam substituídas por novas fórmulas, que surgiriam de uma discussão mais ampla.

As condições em Vila Piloto para uma participação mais democrática na responsabilidade cívica se apresentavam boas, uma vez que todos os indivíduos estavam integrados no processo de produção, o que representa um critério de qualificação maior do que o nacionalmente reconhecido, que é apenas o de ser alfabetizado. É claro que havendo representação haveria níveis de participação na responsabilidade.

28. — A idéia da “experiência civilizadora” é o que de mais grandioso podemos destacar em Vila Piloto. A coragem, dedicação e entusiasmo que presidiu em todos os momentos o esforço pelo bem estar e aprimoramento humano merecem ser difundidos e generalizados.

A não ser no que se diz respeito à educação e aperfeiçoamento técnico, nos demais setores é difícil ser aferida a penetração e extensão da ação civilizadora, mas é inegável que muitos individualmente dela se beneficiaram ascendendo profissionalmente e se integrando em níveis culturais mais amplos. O benefício neste caso não é ape-

nas individual, pode ser considerado como um processo de difusão de “fermento cultural” que irá agir em cadeia.

Qualquer que tenha sido o seu preço, podemos considera-lo barato, desde que o investimento no homem é o mais produtivo e entre nós decididamente deve ser prioritário. Não apenas por razões de ordem social ou ét.ca, embora sejam elas dignas e ponderáveis, mas também por que do ponto de vista econômico e financeiro é o investimento que dá em prazo mais curto maior rentabilidade.

Assim, ao lado de uma política educacional geral, esta iniciativa de acompanhar todas as grandes realizações econômicas de uma “experiência civilizadora” corresponderia a dar uma dimensão econômica a mais ao empreendimento que se pretendesse realizar.

A experiência da Vila Piloto, deve ser considerada como um experimento a partir do qual se procurará melhorar as condições de planejamento e funcionamento de outras comunidades. Seus erros e imperfeições fizeram parte do processo experimental e poderão funcionar como a condição que permitirá no futuro soluções melhores.

* * *

*

INTERVENÇÕES.

Da Prof.^a *Maria Aparecida Lesser Pereira* (FAFI. Boa Esperança).

Pergunta:

“Tendo em vista um planejamento técnico e não social da Vila Piloto, como é visto hoje o desenvolvimento social da referida região?

Essa região tem vida própria ou pedendo das cidades vizinhas maiores?”

*

Do Prof. *Roberto Machado Carvalho* (FAFI. Moema e FAFI Nossa Patrocinio. Itú. SP).

Indaga:

“Qual a origem da Administração?

Existe alguma representação de técnicos ou operários na Administração? Houve pressão nesse sentido?”

*

Do Prof. *Ademar Martins* (UEM. Três Lagoas).

Declara:

O planejamento era para atender a todos; mas era a minoria de operários de nível cultural que ali residiam, pois Vila Piloto foi construída mais para atender aos funcionários naquela altura da CELUSA, posteriormente CESP, enquanto as firmas empreiteiras tinham seus operários residindo em cidades circunvizinhas, fato que provocou grandes problemas nas comunidades.”

* *

*

RESPOSTAS DA PROFESSORA MARIA SUZANA ELIEZER DE BARROS.

Responde:

A Prof.^a *Maria Aparecida Lesser Pereira*.

“Sugiro que a colega aguarde a comunicação do Prof. José Oscar Beozzo que, tratando da Ilha Solteira, situa melhor o problema”.

*

Ao Prof. *Roberto Machado Carvalho*.

Responde:

“A administração se vincula por um lado à CESP e por outro à Construtora Camargo Correia, empreiteira que se encarregou da construção da Usina, sub-empregando as tarefas.

Houve pressão de ‘técnicos humanistas’ e de operários para se atender o que era designado como ‘clima de terror’. Os operários não tiveram representação. A administração considerava que a substituição do revolver e do ‘muque’ por regras, ainda que ríspidas, representava um progresso considerável.”

*

Ao Prof. *Ademar Martins*.

Responde:

“O planejamento visava a todos, mesmo porque a maioria dos trabalhadores, em todos os níveis, se vinculava não à CESP, mas à Construtora Camargo Correia.

Não se preocupou o planejamento com as consequências regionais, mas com a solução dos problemas locais.”